

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO VI, Nº223 NOVEMBRO – PORTO VELHO, 2007  
Volume XX Setembro/Dezembro

ISSN 1517-5421

Desenho da capa: Flávio Dutka  
EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**223**



**A pós-modernidade é mais velha do que se supõe**

**WALDENYR CALDAS**



WALDENYR CALDAS

No recém-lançado livro 'Vertigens Pós-Modernas', Luis Carlos Fridman usa principalmente a sociologia e a psicanálise para refletir sobre as mudanças na cultura e no comportamento humano desde a época do Iluminismo; para ele, as dúvidas sobre o que é pós-moderno no mundo de hoje se devem à imprecisão do termo, que é vago e inespecífico

O sugestivo título do livro Vertigens Pós-Modernas (Relume Dumará, 100 págs., R\$ 18), de Luis Carlos Fridman, procura dar conta das transformações e mudanças ocorridas na cultura e no comportamento humano desde o Iluminismo até nossos dias. A sociologia e a psicanálise são os principais instrumentos de análise usados pelo autor.

Ele reconhece que essas vertigens, no entanto, não são tão recentes quanto possa parecer. A expressão pós-moderna aparece muito mais como um termo usual na literatura científica das ciências humanas, do que propriamente pela pertinência do fenômeno em si. Nesse aspecto, concordamos com o pensador francês Jean Baudrillard quando diz: "O pós-moderno é tudo aquilo que achamos pós-moderno. Pode ser tudo, ou pode ser nada."

Assim, estamos diante da vaguidão inespecífica do termo. Até porque, se observarmos o espaço cronológico usado pelo autor, podemos dizer que a locomotiva movida a carvão, o romântico forde-de-bigode, a Internet e o último CD de Madonna são pós-modernos. É necessário muito cuidado e mais precisão para explicarmos o que é, afinal, o pós-moderno. Autores como Lyotard, Bauman e Giddens, este último considerado o teórico da pós-modernidade, rigorosamente não conceituam nem situam com precisão o pós-modernismo.

Giddens, aliás, reconhece a imprecisão do termo: "Pós-Modernismo: esta palavra não tem sentido. Usa-se freqüentemente." Ao mesmo tempo, o autor de Vertigens Pós-Modernas destaca que "a idéia de pós-modernidade pode se prestar a piruetas intelectuais ou mesmo a fecundas interpretações isoladas".

Fredric Jameson tenta conceituá-lo como "uma revolução cultural no âmbito do próprio modo de produção capitalista". Ora, até aí nada de novo, nada de surpreendente. É natural que o avanço da ciência e da tecnologia tragam mesmo transformações estruturais à sociedade. Especialmente no tocante aos usos, costumes, tradições, estilos de vida e até nas formas de organização social.

**Novos contornos** - A concepção de pós-modernidade para Jameson (mas com marcante influência da obra de Braudrillard) passa ainda pelo conceito de uma "cultura sem profundidade", aquela que melhor representa a sociedade de consumo, etapa do capitalismo tardio posterior à 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Nessa sociedade, a cultura adquire novos contornos e importância, em face justamente da repetição exaustiva dos signos e das mensagens nos permitindo inferir, segundo o autor, a idéia na qual "é possível dizer que tudo na vida social tornou-se cultural".

A liquefação de signos e imagens tornaria muito tênue a distinção entre o que se estabeleceu chamar alta cultura e cultura de massa. Em termos mais claros, a liquefação de signos e imagens significa o seguinte: uma mensagem publicitária pela televisão, de outdoors nas ruas da cidade, de painéis nas estradas, entre outras formas de comunicação, seria o equivalente a se conhecer o significado e a importância de Guernica, de Picasso, ou ainda viver na alma o dilema e as agruras de Joseph K., em O Processo, de Franz Kafka. Haveria, portanto, não um desmerecimento da chamada alta cultura, mas uma equivalência desta à cultura de massa, cujo denominador comum seria a "cultura de consumo".

Nesse aspecto, Alexis de Tocqueville, em seu livro Democracia na América, de 1840, antecipa-se a todos os conceitos contemporâneos de pós-modernidade.

Ele apenas não usa essa expressão, que mais parece um modismo intelectual, mas detecta o fenômeno com precisão. Observando o comportamento atomizado da sociedade americana na metade do século 19, o autor lança as bases teóricas daquilo que, mais tarde, outros estudiosos chamariam de sociedade de massa.

Diz ele que "a primeira coisa que chama a atenção é uma multidão inúmera de homens, todos semelhantes e iguais, ocupados incessantemente na busca de pequenos vulgares prazeres com os quais saciam suas vidas. Cada qual, vivendo à parte, é estranho ao destino de todo o resto; seus filhos e amigos privados constituem para ele toda a humanidade".

Reconhece-se, aqui, as bases do que mais tarde autores como Hannah Arendt e Adorno chamariam de "sociedade totalitária". A nivelação, o isolamento, a perda da individualidade das pessoas privadas e a atomização do conjunto social expõem com clareza a presença de um Estado todo-poderoso e, nem sempre, democrático.

O livro de Luis Carlos Fridman, com efeito, faz uma instigante revisão bibliográfica sobre pós-modernidade. Pretende ainda "mostrar que uma boa quantidade de questões relevantes pôde ser aprofundada no debate acerca da pós-modernidade, com avanços significativos na compreensão da dinâmica na sociedade atual".

**Força de trabalho** - Em que pese a densidade teórica do seu trabalho, é preciso notar que algumas questões devem ser repensadas especialmente quando o autor trata das reflexões de Guy Debord em seu livro A Sociedade do Espetáculo. Cito um exemplo: o destaque acerca dos limites ficcionais encontrados no filme Quero Ser John Malkovich, de Spike Jonze. Ao analisar este filme, o autor considera que "esse magnífico roteiro dramatiza não somente a eventualidade de se comprar a força de trabalho de alguém, mas também a ilusão de ser o outro. Guy Debord acertou muito mais do que poderia supor". Rigorosamente, pode-se dizer que Debord inspirou-se no conjunto da obra de Adorno e, mais especialmente, no ensaio intitulado "O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição". É natural, Adorno foi um dos teóricos mais argutos sobre a sociedade de massa.

No tocante às questões empíricas, como o futebol e as torcidas, Fridman faz algumas alusões passíveis de discordâncias. Quando ele destaca que agora o torcedor projeta sua paixão não só ao que ocorre nas quatro linhas do gramado, mas também às tomadas feitas pela televisão sobre o público, evidencia-se uma obviedade.

É natural que a televisão (embora os protagonistas do espetáculo sejam os jogadores) procure diversificar a imagem durante o jogo sem que, com isso, introduza imagens alheias ao espetáculo em si. A torcida, parte ativa e integrante do jogo de futebol, tem, como se sabe, influência direta no resultado final de uma partida. Nesse sentido, não se trata de um "seqüestro midiático" como quer o autor. Além disso, é duvidoso que uma multidão interessada no espetáculo futebolístico tenha, hoje, "um olho nas câmeras de televisão".

**Capital** - Em outro momento, Fridman destaca a relação do ídolo midiático com o capital. Suas análises vão ao encontro do que ele chama de "novos direcionamentos do capital que destinam um lugar central à indústria do entretenimento como um pólo de expansão do sistema".

É verdade e não há como resolver a questão de outra forma. Do mesmo modo, devemos entender que os esportes na chamada sociedade pós-moderna não passam de meras mercadorias, como de resto toda a indústria do entretenimento.

Assim, é compreensível que as grandes indústrias, em busca de propaganda e da rentabilidade, invista nas associações esportivas e em seus principais atletas, tornando-os "celebridades". Portanto, é natural, como diz o autor, que haja "novos direcionamentos do capital que destinam um lugar central à indústria do entretenimento como um pólo de expansão do sistema".

Não podemos ser tão ingênuos em esperar que, numa sociedade em que tudo se mercantiliza, o entretenimento tivesse outro destino que não sua industrialização. Isto não significa que em termos ideológicos esteja certo ou errado. Esta é uma apreciação que demanda exaustiva discussão e não poderia ser resumida em poucas linhas.

Boa parte do livro de Fridman ocupa-se da análise do livro de Guy Debord, A Sociedade do Espetáculo. Em certo momento, ele acrescenta que "o pioneirismo de A Sociedade do Espetáculo está presente em toda essa discussão, resumido na expressão 'anteriormente via-se a degradação do ser em ter e agora chegou-se à imperiosidade do parecer'".

Ora, este tema já foi exaustivamente tratado por autores como Karl Mannheim, em Sociologia da Cultura, Jean Baudrillard em O Sistema dos Objetos, entre outros. De qualquer modo, é igualmente importante a indicação de Fridman sobre o livro de Guy Debord.

**Desagregação** - Da mesma forma, é preciso muita cautela acerca do processo de urbanização da humanidade. Não podemos considerá-lo necessariamente como um fenômeno desagregador como faz o autor.

O binômio industrialização/urbanização não pode servir de motivo para a desagregação progressiva dos laços familiares, de vizinhança e da religião.

Até porque as relações com a família se dão no plano das emoções da sociabilidade e do afeto, e não na relação de vizinhança. A distância geográfica, ao contrário do que diz Fridman, não causa a desagregação familiar. A superação deste fenômeno se dá justamente pelo afeto, pela emocionalidade e não por padrões racionais difundidos pela modernidade ou, se quisermos, pelos novos ditames da chamada pós-modernidade.

## **SUGESTÃO DE LEITURA**

### **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA Para ler a história oral**

ALBERTO LINS CALDAS  
Edições Loyola

**RESUMO:** O livro tem duas estruturas. Na primeira, constitui uma crítica ao conhecimento, às naturalizações, universalizações e paradigmas da ocidentalidade, propondo uma Hermenêutica do Presente como instância de debate e resistência; na segunda, delinea o diálogo dessa Hermenêutica com a História Oral e, em especial, com a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy, tentando superar os atuais impasses tanto da História quanto da História Oral, pondo em diálogo teorias, métodos e procedimentos em busca de uma maior autonomia das reflexões em torno da oralidade.

**SUMÁRIO:** A Natureza, Os Sentidos, O Olhar, O Corpo, A História, Ficção, Tempo e Memória, A Razão do Senhor, A Ciência, Empirismo, O Tempo da História Oral, Memória, Psicologia Textual, História Oral, Ficção e Realidade, Premissas Metodológicas, Procedimentos Gerais, Procedimentos Específicos, Comunidade de Destino / Colônia / Rede, O Projeto, As Gravações, A Entrevista, A Transcrição, A Textualização, A Transcrição, Interpretação e Leitura.

**Áreas de interesse:** História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras.

**Palavras-chave:** Hermenêutica, História Oral, Metodologia, Texto, Interpretação.